



ARTIGOS ORIGINAIS



AS ENFERMIDADES DO CORPO E OS MALES DA ALMA: SOBRE O MÉTODO TERAPÊUTICO DAS BENZEDEIRAS EM BELÉM DO PARÁ

Ana Carolina da Silva Brito de Azevedo
Univeridade Federal do Pará



Luís Fernando Cardoso e Cardoso
Universidade Federal do Pará - FACIS



submissão: 15/09/2020 | aprovação: 02/12/2021

RESUMO

A relação entre saúde e doença tem sido debatida nas mais diversas áreas das ciências humanas. Este trabalho, nesse caminho, objetiva apontar e descrever os métodos de cura de três benzedeiros em Belém do Pará. Neste estudo, realizaram-se pesquisa de campo, observação direta e entrevistas não estruturadas. A análise dos dados mostrou que cada benzedeira faz uso de uma forma específica para levar os pacientes à cura. A primeira conta com a ajuda dos “encantados”, a segunda recorre às plantas medicinais e a terceira associa benzeduras, “garrafadas” e orações do Catolicismo popular. Os principais males que as benzedeiros tratam são mau-olhado, criança com ‘quebranto’, ‘espinhela caída’, ‘grávidas com barriga arriada no pente’, infertilidade, entre outros. Diante disso, constata-se que os métodos de cura das benzedeiros baseiam-se nas representações sociais das doenças, da saúde e do processo de cura, e que, no universo sociocultural amazônico, assumem formas particulares relacionadas ao contexto religioso e ambiental da região.

Palavras-chave: Doença; Cura; Benzeduras.

DISEASES OF THE BODY AND THE ILLNESS OF THE SOUL: ABOUT THE THERAPEUTIC METHOD OF BENZEDEIRAS IN BELÉM DO PARÁ

ABSTRACT

The relation between health and disease has been assuming importance in debates in the most diverse areas of the human sciences. This work aims to point out and describe the healing methods of three healers in Belem do Pará. In this study, field research, direct observation and unstructured interviews were carried out. The analysis of the data showed that each healer has a specific way of conducting patients to their cure. The first one relies on the help of the enchanted (*encantados*); the second one uses medicinal plants, and the third one combines blessings, *garrafadas* and prayers of popular Catholicism. The main evils that healers treat are: the evil eye; children with *quebranto*; *espinhela caída*; pregnant woman with her belly *arriada no pente*; infertility, and others. Therefore, it appears that the healing methods of healers are based on the social representations of diseases, of health and of the healing process, all of which in the Amazonian sociocultural universe assume particular forms related to the religious and environmental context of the region.

Keywords: Disease; Cure; Healers.

ENFERMEDADES DEL CUERPO Y ENFERMEDAD DEL ALMA: SOBRE EL MÉTODO TERAPÉUTICO DE BENZEDEIRAS EN BELÉM DE PARÁ

RESUMEN

La relación entre salud y enfermedad ha sido debatida en las más diversas áreas de las ciencias humanas. En esa línea, este trabajo tiene como objetivo señalar y describir los métodos de curación de tres curanderos en Belém de Pará. En este estudio se realizaron investigación de campo, observación directa y entrevistas no estructuradas. El análisis de datos mostró que cada curandero utiliza una forma específica de curar a los pacientes. El primero cuenta con la ayuda de los “encantados”, el segundo emplea plantas medicinales y el tercero recurre a bendiciones, “frascos” y oraciones católicas populares. Las principales dolencias que tratan los curanderos son: mal de ojo, niños con hematomas, “espina caída”, “mujeres embarazadas con flacidez de estómago”, infertilidad, entre otras. Parece, así, que los métodos de curación de los curanderos se basan en representaciones sociales de las enfermedades, la salud y el proceso de curación, que en el universo sociocultural amazónico toman maneras particulares relacionadas con el contexto religioso y ambiental de la región.

Palabras clave: Enfermedad; Cura; Bendiciones.

1. INTRODUÇÃO

O estudo da prática de benzeduras cresceu nos últimos anos no Brasil. Há estudos sobre homens e mulheres que utilizam plantas medicinais e orações para curar enfermidades e males causados por espíritos, por entidades místicas, por mau-olhado, pela inveja, por desconfiança numa relação interpessoal, mas também por alguma doença fisiológica. São comuns estudos relacionados a essas práticas na área da História (Del Priore 2011; Souza 2009), na área da Antropologia (Oliveira 1985; Quintana 1999), em Ciências da Religião, tanto em âmbito nacional (Moura 2009) quanto em âmbito local, na Amazônia (Costa 2014).

Os estudos sobre saúde e doença nas Ciências Sociais, em especial, na Antropologia, têm conquistado espaço desde a década de 20 do século XX (Langdon 2014) nas pesquisas na Europa e na América do Norte. No Brasil, no entanto, esse campo de pesquisa tem início na década de 1970 (Langdon et al. 2012). Os estudos nessa área têm como perspectiva fundamental “deslocar o olhar sobre o corpo das ciências médicas para o olhar sobre a construção social e relacional do corpo e para as diversas formas através das quais os sistemas terapêuticos são acionados para produzir saberes sobre processos de saúde/doença” (Langdon 2014:1020).

A relação intrínseca entre saúde, doença e

cultura tem-se ampliado, não somente nas áreas das Ciências Sociais, mas também em campos preocupados em compreender essa dimensão, como nas pesquisas da Antropologia da Saúde (Canesqui 2003; Fleischer 2019; Maluf et al. 2020), da Saúde Coletiva (Canesqui 2008; Loyola 2008; Russo & Carrara 2015) e da Antropologia Médica (Ibañez-Novión 1977; Nunes 2014; Uchôa & Vidal 1994). Embora se compreendam as influências culturais e sociais na busca por cuidados em saúde, é essencial entender as estratégias de enfrentamento das enfermidades, a pluralidade de saberes e práticas, além de evidenciar que o cuidado possui diferentes formas e práticas.

Fazem parte integrante do sistema de cuidados em saúde, as benzedadeiras, que são procuradas pelos pacientes por atribuírem ao processo de adoecimento um sentido diferente daquele defendido pelo médico. O indivíduo adoecido está, então, inserido em uma rede de negociações envolvendo os métodos de cura. E os pacientes optam pelos métodos específicos das especialistas para tratar as moléstias porque creem que assim alcançarão a cura. Medeiros et al. (2013:1344) mostram que a procura pelas benzedadeiras está ligada à “crença em seus métodos”. Por conta dessa constatação, feita em pesquisa de campo e inferida das pistas deixadas pela literatura especializada,

este estudo centra-se no método de cura das benzedeadas de Belém.

As contribuições para a compreensão do fenômeno são diversas, sobretudo no que diz respeito ao uso das plantas medicinais (Amorozo 1996; Camargo 1980; Di Stasi & Hiruma-Lima 2002; Guarim Neto 1987), às práticas de medicina popular (Araújo 2011; Laplantine & Rabeyron 1989; Loyola 1984), à pajelança, à encanteria e ao xamanismo (De Laveleye 2008; Figueiredo 2009; Pacheco 2010; Vergolino 2002) e ao processo de saúde e doença no âmbito social (Becker et al. 2009; Csordas 2008; Minayo 1988). Seguindo a linha de vários autores que procuraram produzir etnografias sobre o benzimento (Araújo 2011; Hoffmann-Horochovski 2012, 2015; Medeiros et al. 2013; Nogueira et al. 2012; Rodrigues 2018; Santos 2009; Santos 2018; Silva 2013), neste artigo analisamos os métodos de cura utilizados por três benzedeadas do meio urbano de Belém, estado do Pará, por meio de uma etnografia que toma por base conversas informais e entrevistas semiestruturadas, além da observação direta das atividades que envolveram momentos de cura, manuseio e cuidados com as plantas medicinais nas residências dos sujeitos investigados no ano de 2018. Essas profissionais são moradoras dos bairros do Guamá, São Brás e Condor, bairros periféricos da cidade. A pesquisa de campo

mostrou-se essencial para a compreensão dos métodos de cura usados pelas benzedeadas para aliviar o sofrimento de quem as procura.

O artigo está dividido em três momentos. No primeiro, examinamos como as benzedeadas constroem os sentidos de saúde e doença de acordo com as experiências individuais, visando evidenciar não o sujeito que busca a cura, mas o método utilizado para a cura e a crença nesse método. No segundo, em uma subseção, apresentamos os resultados da pesquisa de campo, destacando o método singular de cura que cada benzedeadas adota. Ao final, tecemos algumas considerações acerca das questões expostas e da reflexão sobre a importância de estudos sobre agentes populares que usam as mais variadas formas de compreensão da saúde, da doença e das curas.

2. A CURA PELAS BENZEDEIRAS COMO PRÁTICA TERAPÊUTICA

Na região amazônica, assim como em outras partes do país, é comum encontrarmos benzedeadas, mulheres, na sua maioria, idosas, que “se utilizam de ervas, banhos e chás para curar doenças, além de utilizarem também rezas e benzeções de caráter cristão e suas especificidades” (Costa 2014:14). Essas mulheres possuem a capacidade ou o dom de identificar e de diferenciar os males corporais e espirituais, curam o doente em meio a rezas e

com o uso de plantas medicinais. Para Oliveira (1985), o ato de benzer não se limita à questão do manejo de símbolos mágicos e religiosos para atingir a cura, mas representa um instrumento de intervenção no processo social, mesmo que os sujeitos não tenham conhecimento dessa ação.

O campo religioso na Amazônia é diversificado. As benzedadeiras, mulheres de classe baixa e dos bairros periféricos, traduzem ensinamentos oriundos de uma pluralidade de representações religiosas e culturais. Conseguimos observar que em suas práticas está presente o sincretismo religioso, que se caracteriza pela fusão do Catolicismo e das religiões de matriz africana. Essas especialistas da benzedura desempenham não somente a função de curar as enfermidades e os males, mas também a de estabelecer uma mediação entre os homens e o sagrado, são o equilíbrio que intervém no mundo espiritual.

No Brasil, há registros históricos sobre o ofício de benzedura que datam da época colonial, quando já se descreviam as práticas de cura mágica e as manifestações de religiosidade popular. Essas atividades, por muito tempo, foram associadas às práticas de feitiçaria. Na época, pela inexistência de outras explicações para as causas das doenças, os homens atribuíam seus infortúnios às forças sobrenaturais (Souza 2009). Por conta da imbricação entre homem e natureza, tal relação sempre foi

alvo de estudos, principalmente na Amazônia, onde a medicina popular constitui-se uma chave para compreender a cultura da região (Maciel & Guarim Neto 2006; Maués 1990). Nesse sentido, a sabedoria ligada a uma prática de cuidados populares era o meio de curar enfermidades do corpo e da alma.

Boltanski (1989), num estudo sobre curandeirismo popular, afirma que muitos indivíduos buscam os agentes de cura porque essas pessoas conseguem, de maneira didática, elucidar as causas das doenças, das enfermidades e dos males, utilizando-se da mesma linguagem do enfermo, como um médico talvez não faça, por exemplo. Compreender essa relação é também compreender as relações socioculturais em que o indivíduo está inserido. Para isso, é preciso levar em consideração as discussões antropológicas que questionam o modelo no qual se trata a enfermidade ou a doença com um fenômeno apenas biológico.

A percepção da saúde-doença está atrelada ao contexto cultural e local do indivíduo. Segundo Silva (2013:4), “[...] os benzimentos e uso de plantas medicinais para a preservação/restituição da saúde possuem relação com a cultura local, os ensinamentos (re) passados das gerações mais velhas às mais novas por meio da oralidade e fé/credibilidade a estas práticas atribuídas”. No entanto, é importante destacar que não há cura

se não houver crença no método empregado pelo especialista. Lévi-Strauss (1975) evidencia esse aspecto ao mostrar o uso de um canto por um xamã para auxiliar num parto difícil. O autor destaca que o fato de o xamã e seu canto não estarem inseridos em uma realidade objetiva - ou seja, orientada por percepções ocidentais de crenças - não é importante, pois o cerne da cura e da sua eficácia está no paciente e no xamã por participarem de uma sociedade que crê naquele processo. Segundo Lacerda (2015:16), “As interpretações que os agentes populares de cura fazem no tocante às desordens corporais, o fazem sempre em referência às regras sociais e culturais”. Isso quer dizer que as benzedeadas dão sentido à enfermidade e, para além disso, aproximam-se da linguagem e dos processos simbólicos dos indivíduos por estarem inseridas no mesmo sistema de crenças dos enfermos.

Os agentes populares de cura não são somente fruto de sistemas religiosos, eles também recorrem a conhecimentos advindos da medicina popular e de percepções singulares sobre o funcionamento do corpo humano. Ibañez-Novín (1977), em seus estudos sobre os sistemas tradicionais de ação para a saúde, identificou a benzedeadas ou rezadeiras como uma profissional de saúde de formação tradicional, que se utiliza de orações, plantas medicinais e ritos terapêuticos para curar “ruindades” e “quebrantos”.

A construção de mecanismos de cura trilha caminhos que vão além do sistema oficial de saúde, ou até mesmo da dicotomia doença-saúde. Há trajetórias heterogêneas de autocuidado a partir de uma enfermidade e, conseqüentemente, a procura por agentes de cura, que, neste caso, são as benzedeadas. A relação com o sagrado permite ver as benzedeadas como possuidoras de um dom que indica o caminho, muitas vezes heterogêneo, da cura. Com base em seus métodos, podemos analisar e compreender uma tradição que alude a tempos passados. Sua permanência no ambiente urbano enseja a constatação de que a linguagem mágico-religiosa dá sentido a doenças e enfermidades e rompe com a hegemonia biomédica de cuidados em saúde.

2.1. TEREZINHA DE JESUS: “PRIMEIRAMENTE É DEUS, DEPOIS, MEU POVO ESPIRITUAL”

Dona Tereza, como é conhecida pelos moradores do bairro da Condor, é natural de Belém e tem 75 anos. Aproximar-se dela foi difícil. Nos momentos iniciais, negou-se, *a priori*, a conversar sobre suas atividades, mesmo que informalmente, com receio do que diriam as pessoas da vizinhança. Depois de muitas conversas, ela aceitou participar da pesquisa, contudo não autorizou a gravação da conversa,

permitiu apenas o registro no caderno de campo¹.

Quando lhe perguntamos quando iniciou o ofício de benzedeira, Dona Tereza disse que “ninguém me ensinou a benzer, eu tenho um ‘dom’, que o próprio Deus me deu”. Contou que, quando era mais nova, o pai de uma criança ‘descangotada’ pediu-lhe para que ela rezasse ‘na cabeça’ da criança. Fez isso, a criança ficou ‘curada’ do ‘quebranto’ que a consumia, e a partir daí “a benzeção foi pra frente”. Católica, incomoda-se com pessoas que acham que é “macumbeira”, pois, além de benzer, “eu falo umas coisas que ninguém sabe, aí as pessoas acham que sou macumbeira, essas coisas assim, Deus me livre, eu sou do bem”. Diz que só pratica e usa o seu dom, que veio de Deus, para o bem. Não cobra nada para benzer, só cobra pela garrafada.

As garrafadas são objeto de estudo de trabalhos recentes sobre farmacologia e etnobotânica. De acordo com Camargo (2011:41), a garrafada é uma “fórmula medicinal preparada com componentes de origem vegetal, mineral e animal, complementada com elementos religiosos próprios dos sistemas de crenças vigentes no Brasil”. Aliada à reza da benzedeira, ela tem o poder de curar várias enfermidades, servindo para tratar infecção uterina, fazer limpeza uterina, engordar,

emagrecer, “pegar filho” etc. Em Belém do Pará, as garrafadas são fabricadas nas casas das benzedadeiras e comercializadas nas feiras da cidade. Dona Tereza acredita que o seu principal método para curar males e enfermidades é a oração a Deus e seu “povo espiritual”. Quando lhe perguntamos quem era seu “povo espiritual”, a benzedeira não respondeu, pois, segundo ela, “tem coisas que ninguém pode saber, e essa é uma”. Antes de iniciar o processo de cura, sempre reza uma ave-maria e um pai-nosso. Encostando na pessoa enferma uma “folha verde” - de qualquer planta que tenha essa coloração -, ela vai rezando e benzendo.

Carvalho, Bonini e Almeida-Scabbia (2017) fizeram um estudo etnobotânico das plantas que as benzedadeiras utilizam no processo de cura e analisaram o papel dessas mulheres como agentes de saúde. Segundo os autores, a utilização de plantas medicinais é comum no Brasil e há, inclusive, interesse em incorporá-las à medicina oficial.

Segundo Dona Tereza, a “folha verde” absorve a enfermidade ou o mal, e é boa para o processo de cura. As plantas medicinais encontradas e manejadas no seu quintal são a *Ruta graveolens* (arruda), a *Pedilanthus tithymaloides* Poit (coramina), a *Paspalum repens* (canarana), a *Citrus*

¹ A primeira autora possui vínculos com a entrevistada desde a infância por partilharem o mesmo bairro de residência. O consentimento para a entrevista foi verbal, tendo a entrevistada apenas solicitado para não divulgar a conversa entre pessoas próximas.

aurantium L. (laranja) e a *Citrus aurantifolia* (lima). Convém lembrar que Costa e Marinho (2016) observaram que as folhas verdes são a parte mais utilizada em rituais de benzedura na Paraíba.

Os males resultam de “ruindades” que um indivíduo pode vir a cometer contra outro indivíduo, como o mau-olhado, o “olho gordo”, aspectos ligados ao espiritual, enquanto as enfermidades são doenças ou afecções de cunho fisiológico. Criança ‘descangotada’, com ‘quebranto’, ‘desmentidura’, ‘espinhela caída’, grávidas com ‘barriga arreada no pente’ são exemplos do mal (geralmente uma pessoa faz um ‘trabalho’ de cunho espiritual para que a outra sofra moléstias). Esses males são curados com garrafadas para ‘pegar filho’, ‘limpar o útero’, ‘curar doenças feias’ (como a gonorreia, ‘corrimento’, ‘cobreiro’).

Dona Tereza recebe diversas pessoas, de quase todos os bairros de Belém, inclusive da região metropolitana, que sofrem dos mais variados tipos de males e enfermidades e desejam ser curadas pelas suas mãos e rezas. São pessoas de todas as classes sociais e religiões. Fica assim evidente que, na construção do itinerário terapêutico em busca da cura, não há uma homogeneidade cultural, social e econômica.

2.2. FÁTIMA: “EU CURO DOENÇAS DO CORPO E OS MALES DA ALMA. SOU UM INSTRUMENTO DO BEM”

A segunda participante da pesquisa foi Dona Fátima, 58 anos, natural de Belém, Pará, que diz possuir o “dom” de curar desde criança². Segundo Lima et al. (2016:7), em uma visão humanística, o ritual de benzer apoia-se “em dois imperativos éticos, o primeiro com Deus e o segundo com aqueles que buscam auxílio”. Afirmam ainda as autoras que “O benzedor é escolhido de Deus, esta escolha é revelada na descoberta do seu dom” (Lima et al. 2016:7).

Segundo Dona Fátima, uma mãe de santo profetizou que ela tinha nascido para curar as pessoas. Quando benze, ela disse, absorve todos os males que o enfermo “carrega”, vomitando e passando muito mal depois do processo de benzedura. Cura-se com banhos que faz com arruda e alecrim. Diz nunca ter sofrido preconceito, mas relata que “algumas pessoas me olham com ruindade, de lado, assim, sabe? Como se eu fizesse algum mal”; por vezes, até param de falar com ela depois da benzedura. Quando benze, fica “fora de si”, pois incorpora caboclos encantados ou os caruanas (Maués 1990), como Zé Pelintra, Dona Mariana e Dona Erundina, seus guias, que, aliados

2 A entrevistada aceitou participar da pesquisa por meio de uma rede de relações familiares. A conversa não ocorreu na casa da benzedora, por ela achar inadequado.

a Deus, ajudam-na a curar as pessoas.

Dona Fátima diz-se católica e não vê problema em associar Deus a guias, pois “nenhum deles faz mal, só nos ajudam”. Em seu trabalho sobre a questão da mística em representações religiosas da Amazônia, Maués (2014) diz ter encontrado durante suas pesquisas a figura de um xamã caboclo que se considerava um “bom católico”, ou seja, não considerava suas práticas xamanísticas incompatíveis com a sua crença no Catolicismo popular.

Dona Fátima não benze em casa, pois “todo o mal ficaria entranhado no lugar”, prefere ir à casa dos enfermos e realizar o processo no local. Tira sua renda somente da benzedura, já foi a outras cidades benzer doentes “que não se levantavam da cama”. Como Dona Fátima, benze na casa das pessoas que a procuram, ela diz que já percorreu praticamente todos os bairros de Belém.

Dona Fátima inicia seu processo de cura pedindo a “Deus e seus guias” que ajudem aquele doente. Quem benze são os guias (Maués 2014). Ela não lembra o que faz especificamente na hora; pois, na hora da benzedura, está agindo “normal”. Dona Fátima não faz garrafadas, só as indica em casos extremos, mas garante que os males e enfermidades podem ser curados com a benzedura. As plantas medicinais que utiliza são o *Rosmarinus officinalis* (alecrim), a *Lavandula angustifolia*

(alfazema), o *Jatropha gossypifolia* (pinhão-roxo), o *Dieffenbachia seguine* (comigo-ninguém-pode) e a *Petiveria alliacea L.* (mucuracaá). De acordo com Carvalho, Bonini e Almeida-Scabbia (2017), inúmeros autores já associaram o uso das plantas medicinais à religião e a práticas de cura, ainda que a maioria apenas o relacione com religiões de matriz afro-brasileira.

Dona Fátima diz que não gosta de curar “cobreiro” porque eles “passam pra cabeça”, o que faz com que ela desenvolva feridas no seu couro cabeludo que demoram para cicatrizar. Ela “puxa barriga” de grávidas, “ajeitando” bebês que estão de “mau jeito” na barriga da mãe. “Fecha” o “peito aberto”, quando “a espinhela fica levantada, que fica um buraco no meio do peito”, utilizando ventosas, além de benzedura e massagens. Dizendo que isso dá muito trabalho e que normalmente se cansa muito quando vai curar essa enfermidade. Crianças com “quebrantos” tornam-se seus netos. Ela também realiza “defumações” em casas que estão “carregadas com o mal”. Diz que “benze o mal”, “corta mau-olhado” e “desfaz maldades”. São inúmeros males e enfermidades que a benzedura pode curar, como bem pontuou Moura (2009). Além disso, doenças que são consideradas contemporâneas, como a ansiedade e a depressão, são incorporadas progressivamente aos rituais de cura.

Dona Fátima mostrou-se extremamente feliz com a entrevista. Como não faz nada na sua casa, deslocou-se até o Centro de Referência da Assistência Social (Cras) do Guamá, onde foi disponibilizado um espaço para a realização da entrevista. Diz que já “apanhou” de seus “guias”, principalmente quando faz alguma “besteira”, ou seja, quando não faz o que eles pedem ou quando não “oferece cachaça”. Ensinou à primeira autora, em alguns momentos da pesquisa, vários banhos para a “proteção”. Relatou vários casos, um deles de uma criança “de olho murcho”, pálida, que tinha dores de cabeça e não se alimentava há dias. Dona Fátima conta que entendeu imediatamente que era “quebranto”. Logo depois da cura, a criança a olhou- e disse: “vovó anjo”, o que a deixou extremamente emocionada. Disse também que “não pode deixar as crianças morrerem”, que “quebranto mata”.

Além disso, Dona Fátima diz que “olha pra frente”, ou seja, tem visões do futuro e sabe quando uma pessoa está perto de morrer. Ela conta que, apesar de todos os esforços, ocasionalmente, não consegue salvar a pessoa, pois “às vezes o mal é mais forte que o bem”. No entanto, ainda assim, Dona Fátima diz que todos os que benze curam-se e que ela é só um “instrumento do bem”.

2.3. MARIA DO CARMO: “EU CURO COM A AJUDA DE DEUS E DO ESPÍRITO SANTO”

Dona Maria do Carmo, 68 anos, foi a terceira benzeadeira que concordou informalmente a colaborar com este estudo. Isso ocorreu por meio da ajuda de familiares da primeira autora. Ela iniciou a conversa logo salientando que tinha certificados de vários cursos para comprovar que “sabia o que fazia”. Fez cursos de massagem sueca e de manejo de plantas medicinais na Amazônia. Mostrou até um certificado de agente popular de saúde emitido pela Associação Brasileira de Saúde Popular (Abrasp). Com efeito, há estados do Brasil em que existe um forte movimento para que as benzeadeiras sejam oficializadas e reconhecidas como profissionais de saúde.

Dona Maria do Carmo disse que nasceu com o “dom” da cura, que era uma “médium da cura”. Além de benzeadeira, é parteira e já realizou mais de 600 partos. Católica fervorosa, diz que auxilia o padre Elói³ na cura, junto com Deus. “Primeiro Deus, não tenho guia, não mexo com isso, apesar deles virem até mim”. Dona Maria do Carmo demonstra um certo interesse pelo Candomblé, sonha muitas vezes que está “dançando em uma roda, com vestido branco e cordão de miçanga, com batoque no fundo”. Ela absorve os males que

³ Padre Elói Wayth de Souza é capelão da Polícia Militar do Pará e celebra missa carismática na capela do Batalhão de Choque da Polícia Militar do Pará em Belém.

as pessoas carregam, ficando “carregada, mole, com dor de cabeça”.

Dona Maria do Carmo diz utilizar somente uma oração, que considera poderosa: “Jesus, eu te amo. Lava-me com o teu sangue, o sangue do teu coração” (Nesse momento, pede a intercessão pelo enfermo que está curando). Não utiliza plantas na benzedura, somente faz uso delas nas garrafadas que produz. O caso de dona Maria assemelha-se ao de uma benzedeira, vinculada à tradição católica, objeto de estudo de Araújo (2011), a qual pratica a cura por meio da benzedura. Para o autor, a tradição oral da benzedura está ligada ao Catolicismo popular e é uma forma de cura não oficial, que antes não era aceita e agora é tolerada pela instituição católica.

Dona Maria do Carmo utiliza plantas para produzir garrafadas, que “curam todas as infecções do corpo da gente”: *Arrabidaea chica* (pariri), *Veronica spicata* (verônica), *Caesalpinia ferrea* (jucá), *Stryphnodendron adstringens* (barbatimão), *Anacardium occidentale* (cajuí), *Himatanthus sucuuba* (sucuuba) e *Maytenus ilicifolia* (espinheira-santa). De acordo com Camargo (2011), a cura por meio das garrafadas precisa ser aliada à fé religiosa e à crença na sua eficácia. Os enfermos, ao buscarem as benzedadeiras, alimentam um sentimento de esperança na cura não só física, algo que não alcançam com a medicina oficial.

O remédio oferecido para a cura mais utilizado por Dona Maria do Carmo são as garrafadas, que, segundo ela, curam “todas as inflamações” e outras doenças, como gastrite, úlcera, gordura no fígado, cistos nos ovários, mioma, próstata inflamada, reumatismo e fazem também a mulher “pegar filho”. À luz do poder simbólico (Lévi-Strauss 1975) da cura por meio da garrafada, é importante salientar que há uma assimilação do caráter espiritual no processo de cura, cada indivíduo incorpora fatores determinantes para o restabelecimento da sua saúde.

Dona Maria do Carmo diz que sua oração faz a pessoa “repousar no Espírito Santo” e ficar curada. Para Maués (2014), “repousar no espírito” possui um poder curativo, do corpo e da alma; a pessoa é tocada pela divindade e, após um período de transe ou de êxtase, desperta com uma sensação de bem-estar.

Dona Maria do Carmo sente vontade de aprofundar um lado mais “espiritual”, desejando poder fazer contato com o “outro lado”. Essa vontade está “no sangue”, pois a família de seu pai é espírita. Dona Maria é o que Moura (2009) identificou em sua dissertação como “agentes populares de cura”. Por um lado, Dona Maria, benzedeira, e por outro, o padre que ela auxilia a realizar “revelações” durante missas em Belém. Dois universos religiosos que compartilham o

mesmo espaço. Seguindo a linha de raciocínio de Moura (2009:184), “Há uma convivência entre a religião popular e a oficial, que favorece a apropriação e ressignificação de determinados elementos, identificados por nós como um fluxo contínuo entre as duas trocas de religiosidade”.

3. CONCLUSÃO

Procuramos ao longo deste artigo descrever os métodos terapêuticos de três benzedeadas, detentoras de conhecimento sobre o processo de cura popular, distinto do modelo biomédico. Tratam-se de práticas de saberes populares, como a fé nos encantados e nas rezas, a confiança nos remédios caseiros, aos quais os pacientes recorrem a fim de livrarem-se de seus males.

A Antropologia da saúde e da doença permite refletir sobre os cuidados com a saúde numa perspectiva que desloca o olhar do corpo - apenas biológico - para processos socioculturais. As benzedeadas e seus métodos de curas expostos no texto são apenas uma fração da gama de agentes populares que usam as mais variadas formas de compreensão da saúde, da doença e das curas. Inseridos em uma cadeia de crenças e símbolos,

esses agentes dão um novo sentido à vida do indivíduo em sofrimento.

Evidenciamos, ao longo do artigo, portanto, que cada benzedeadas apresenta um método particular de cura. Uma conta com a ajuda dos “encantados” para levar o paciente à cura, absorvendo todos os males curados; outra conta com a ajuda do seu “povo espiritual” e das plantas medicinais; a terceira associa a benzedura às “garrafadas” e às orações do Catolicismo popular. O método de tratamento, assim, é importante para definir as particularidades do tratamento. Esses aspectos são igualmente considerados pelos pacientes ao escolherem seus itinerários terapêuticos, segundo depreende-se dos diálogos com as benzedeadas. Há, portanto, um sincretismo afrocatólico (Ferretti 2013) presente nos métodos de cura utilizados pelas benzedeadas, em que tradições são reinventadas segundo a lógica necessária à continuidade das práticas de cura.

O sujeito inserido no contexto amazônico, com suas especificidades religiosas e culturais, dispõe de um conjunto de práticas e métodos de cura ao qual recorre para tratar os males do corpo e as dores da alma, os quais, muitas vezes, só as benzedeadas podem curar.

REFERÊNCIAS

- Amorozo, M. C. de M. 1996. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais, in *Plantas medicinais: arte e ciência - um guia de estudo interdisciplinar*. Organizado por Di Stasi, Luiz Cláudio, pp. 47-68. São Paulo: Unesp.
- Araújo, Fabiano Lucena de. 2011. Representações de doença e cura no contexto da prática popular da medicina: estudo de caso sobre uma benzedeira. *Caos: Revista Eletrônica de Ciências Sociais* 2 (18):81-97.
- Becker, Sandra Greice et al. 2009. Dialogando sobre o processo saúde/doença com a Antropologia: entrevista com Esther Jean Langdon. *Revista Brasileira de Enfermagem* 62 (2):323-326.
- Boltanski, Luc. 1989. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Graal.
- Buchillet, Dominique. 1991. A antropologia da doença e os sistemas oficiais de saúde, in *Medicinas tradicionais e medicina ocidental na Amazônia*. pp. 21-44. Belém: MPEG; Cejup.
- Camargo, Maria Teresa Lemos de A. 1980. *Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros*. São Paulo: Almed.
- Camargo, Maria Teresa Lemos de A. 2011. *A garrafada na medicina popular: uma revisão historiográfica*. *Dominguezia* 27 (1): 41-49.
- Canesqui, Ana Maria. 2003. Os estudos de antropologia da saúde/doença no Brasil na década de 1990. *Ciência & Saúde Coletiva* 8 (1):109-124.
- Canesqui, Ana Maria. 2008. As Ciências Sociais e Humanas em saúde na Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* 18(2):215-250.

- Carvalho, Sérgio Zanata de, Bonini, Luci Mendes de Melo, e Almeida-Scabbia, Renata Jimenez. 2017. Etnoconhecimento de plantas de uso medicinal por benzedadeiras/benedores e rezadeiras/rezadores de Anhembi e Mogi das Cruzes-SP. *Revista Eletrônica Correlatio* 16 (2):133-152.
- Costa, Iracema Silva. 2014. Mulheres benzedadeiras em Belém (PA): relações de gênero e trajetória religiosa. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências Sociais e Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém.
- Costa, J. C. da, e M. das G. V. Marinho. 2016. Etnobotânica de plantas medicinais em duas comunidades do município de Picuí, Paraíba, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais* 18 (1):125-134.
- Csordas, Thomas. 2008. *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre: UFRGS.
- De Laveleye, Didier. 2008. Distribuição e heterogeneidade no complexo cultural da pajelança, in *Pajelanças e religiões africanas na Amazônia*. Organizado por Maués, Raimundo Heraldo e Villacorta, G. M. pp. 113-119. Belém: EDUFPA.
- Del Priore, Mary. 2011. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino, in *História das mulheres no Brasil*. Organizado por Del Priore, Mary, Pinsky, C. B. pp. 66-97. São Paulo: Contexto.
- Di Stasi, Luís Cláudio, Hiruma-Lima, Clélia. 2002. *Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica*. São Paulo: Unesp.
- Figueiredo, Aldrin Moura de. 2009. *A cidade dos encantados: pajelança, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia*. Belém: UFPA.
- Fleischer, Soraya. 2019. Os “problemas de pressão” na Guariroba/DF, Brasil: um aporte da antropologia para pensar doenças crônicas cardiovasculares. *Ciência & Saúde Coletiva* 24(7): 2617-2626.

Ferreti, Sergio. 2013. *Repensando o sincretismo*. São Paulo: Edusp/Arché Editora.

Guarim Neto, Germano. 1987. *Plantas utilizadas na medicina popular do Estado do Mato Grosso*. Brasília: MCT/CNPq.

Hoffmann-Horochovski, Marisete T. 2012. Velhas benzedeiras. *Mediações: Revista de Ciências Sociais* 17(2):126-140.

Hoffmann-Horochovski, Marisete T. 2015. Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzeção. *Guaju: Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável* 1(2):110-126.

Ibañez-Novión, Martin A. et al. 1977. *Sistemas tradicionais de ação para a saúde: região Noroeste do Estado de Minas Gerais: relatório final I*. Belo Horizonte: Secretaria do Estado do Planejamento e Coordenação Geral/Diretoria de Programas Públicos/Fundação João Pinheiro.

Lacerda, Maria Conceição de. 2015. Medicina tradicional praticada por rezadeiras, pajés e herboristas: outros saberes a ser respeitados pelo saber acadêmico. *Revista Saberes da UNIJIPA* 2:1-22. https://unijipa.edu.br/wp-content/uploads/sites/2/2019/02/35_870.pdf.

Langdon, Esther Jean. 1996. A doença como experiência: a construção da doença e seu desafio para a prática médica. *Antropologia em primeira mão* 12(1):1-24.

Langdon, Esther Jean. 2014. Os diálogos da antropologia com a saúde: contribuições para as políticas públicas. *Ciência e Saúde Coletiva* 19 (4):1019-1029.

Langdon, Esther Jean, Maj-Lis Follér, e Maluf, Sonia E. 2012. Um balanço da antropologia da saúde no Brasil e seus diálogos com as antropologias mundiais. *Anuário Antropológico* 1:51-89.

Laplantine, François, Rabeyron, Paul-Louis. 1989. *Medicinas paralelas*. São Paulo: Brasiliense.

Lévi-Strauss, Claude. 1975. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Cosac Naify.

Lima, Crislaine Alves B. et al. 2016. O uso das plantas medicinais e o papel da fé no cuidado familiar. *Revista Gaúcha de Enfermagem* 37(spe):1-10. <https://www.scielo.br/pdf/rgenf/v37nspe/0102-6933-rgenf-1983-14472016esp68285.pdf>.

Loyola, Maria Andréa. 1984. *Médicos e curandeiros: conflito social e saúde*. São Paulo: Difel.

Loyola, Maria Andréa. 2008. A saga das Ciências Sociais na área da Saúde Coletiva: elementos para a reflexão. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* 18(2):251-275.

Maciel, Márcia Regina A., Guarim Neto, Germano. 2006. Juruena local healers and the plants and verbal blessings they use for healing in Mato Grosso, Brazil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas* 1(3):61-77.

Maluf, Sonia Weidner, Silva, Érica Q., Silva, Marco Aurélio. 2020. Antropologia da saúde: entre práticas, saberes e políticas. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais* 91:1-38.

Maués, Raymundo Heraldo. 1990. *A Ilha Encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores*. Belém: UFPA.

Maués, Raymundo Heraldo. 2014. A mística em algumas formas de representações religiosas. *Debates do NER* 2(26):193-227.

Medeiros, Rafael, Nascimento, Elane Gurgel, Diniz, Gabriele Maria Dantas, Alchieri, João. 2013. Na simplicidade a complexidade de um cuidar: a atuação da benzedeira na atenção à saúde da criança. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* 23(4):1339-1357.

Minayo, Maria Cecília de S. 1988. Saúde-doença: uma concepção popular de etiologia. *Cadernos de Saúde Pública* 4(4):363-381.

Moura, Elen Crsitina D. de. 2009. Entre ramos e rezas: o ritual de benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008. Dissertação de mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

Nogueira, Leo Carrer, Versonito, Suellen, e Tristão, Bruno das Dores. 2012. O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil. *Élisée: Revista de Geografia da UEG* 1(2):167-181.

Nunes, Mônica de O. 2014. Da aplicação à implicação na antropologia médica: leituras políticas, históricas e narrativas do mundo do adoecimento e da saúde. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 21(2): 403-420.

Oliveira, Elda R. 1985. *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense.

Pacheco, Agenor S. 2010. Encantarias afroindígenas na Amazônia marajoara: narrativas, práticas de cura e (in)tolerâncias religiosas. *Horizonte* 8 (17):88-108.

Quintana, Alberto M. 1999. *A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru: Edusc.

Rodrigues, Melina S. 2018. Benzedadeiras e raizeiras: entre novas e velhas práticas. Dissertação de Mestrado em Ciências e Tecnologias em Saúde, Universidade de Brasília, Brasília.

Russo, Jane Araújo, Carrara, Sérgio Luís. 2015. Sobre as ciências sociais na Saúde Coletiva - com especial referência à Antropologia. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* 25(2):467-484.

Santos, Francimário V. 2009. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta, na região do Seridó Potiguar. *Revista CPC* 8:6-35.

Santos, Sergiana Vieira dos. 2018. “Para as ondas do mar sagrado”: uma etnografia dos rituais de rezadeiras e rezadores de Delmiro Golveia, sertão de Alagoas. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Alagoas, Brasil.

Silva, Giselda Shirley da. 2013. A arte de benzer e uso das plantas medicinais: práticas e representações orais de benzedores e raizeiros acerca do saber fazer em João Pinheiro (MG). In *Anais eletrônicos do 10º Encontro Regional Sudeste de História Oral*. https://www.sudeste2013.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1376487764_ARQUIVO_ARTIGOUNICAMP-GiseldaShirleydaSilva.pdf.

Souza, Laura de Mello. 2009. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras.

Uchôa, Elizabete, Vidal, Jean Michel. 1994. Antropologia médica: elementos conceituais e metodológicos para uma abordagem da saúde e da doença. *Cadernos de Saúde Pública* 10(4):497-504.

Vergolino, Anaiza. 2002. Panorama religioso e cultural da Amazônia, in *Amazônia, desafios e perspectivas para a missão*. Organizado por Mata, R.P., Tada, C. São Paulo: Paulinas.